

“Rala Coco, o bloco mais linguarudo da cidade”: a brincadeira do coco no carnaval de Fortaleza (CE).¹

Joel Oliveira de Araújo²
UFG

Resumo: O presente trabalho traz reflexões acerca dos cocos por meio de uma etnografia do bloco Rala Coco, o qual reúne, na segunda-feira de carnaval, centenas de brincantes, simpatizantes, artistas, pesquisadores, admiradores e grupos de cocos da cidade de Fortaleza (CE). Essa manifestação, presente nos centros urbanos, ao longo dos anos, vem se consolidando como uma das principais manifestações culturais na cidade. O bloco Rala Coco é idealizado pelo grupo Na Quebrada do Coco e, no ano de 2024, teve sua 7ª edição. Pretende-se, neste texto, problematizar questionamentos de várias ordens, refletindo os elementos político-sociais que atravessam a brincadeira, compreendendo o que chamamos de "Cocos Urbanos" na cidade de Fortaleza (CE).

Palavras-chave: cocos urbanos; bloco rala coco; patrimônio imaterial.

Dando continuidade em algumas discussões realizadas em minha dissertação de mestrado, o presente trabalho pretende, de forma discreta, apresentar reflexões acerca dos cocos urbanos na cidade de Fortaleza - Ce. O bloco Rala Coco é aqui compreendido como mais um espaço fundamental para a manutenção e fortalecimento da cena cultural dos cocos na cidade.

O carnaval de Fortaleza pode ser pensado temporalmente a partir dos anos 30. É nesse período também que, no país, se tem a intensificação das ideias nacionalistas e das práticas culturais. Para os estudiosos, o primeiro bloco de carnaval de Fortaleza foi o bloco Prova de Fogo, criado em 1935. É nessa década também que muitos apontam a inserção dos maracatus no carnaval de Fortaleza, principalmente com a fundação do Az de Ouro em 1936, que no ano seguinte é convidado para o desfile de rua. Para um aprofundamento sobre o carnaval de Fortaleza, consultar Oliveira (1997), Borges (2007), e Cruz & Rodrigues (2010).

Podemos dizer que tudo começa ainda no pré-carnaval, quando “a cidade de Fortaleza (CE) ganha outra dinâmica nos meses de janeiro e fevereiro, pois, nesse período, os espaços públicos da cidade são reordenados por apresentações de blocos de pré-carnaval e desfiles de manifestações culturais como o maracatu” (Cruz &

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS - UFG), bolsista Capes, email: joeloliveiraarauji@gmail.com

Rodrigues, 2010, p. 02). Hoje, o carnaval de Fortaleza é marcado pelos tradicionais desfiles dos maracatus, afoxés, blocos e escolas de samba, reunidos na Avenida Domingos Olímpio.

Fortaleza é uma cidade que pulsa cultura, isso é inegável. O carnaval de Fortaleza é um momento de celebração, festividades e gozo. Assim como qualquer outra festa popular ou manifestação cultural, pulsa independentemente de interferências ou financiamento público/privado. Com isso, não é raro vermos movimentações de atividades, festas e blocos autônomos na cidade. Diferente do maracatu e do afoxé, os cocos em Fortaleza não estão inseridos nas programações oficiais do carnaval da cidade. Mas isso não quer dizer que a manifestação não esteja presente nas ruas neste período, pelo contrário, está bastante viva. O bloco Rala Coco é a prova disso, pois, de forma autônoma se mantém ano após ano pelo esforço coletivo dos brincantes. É um exemplo da organização social de brincantes e foliões que, por meio do coco, fortalecem a cena cultural da manifestação e mantêm viva a chama do carnaval de rua na cidade.

O bloco, mobilizado pelo grupo Na Quebrada do Coco desde 2015, é um importante espaço de encontro para brincantes e apreciadores dos cocos em Fortaleza. Sem financiamento público, os membros tiram do próprio bolso para conseguir manter o bloco, contando com apoio e ajuda de amigos e brincantes através de vaquinha para contribuições, conseguindo assim uma estrutura de logística e som. Toda segunda-feira de carnaval, o bloco reúne na praça da gentilândia uma multidão de brincantes, sendo uma boa alternativa para o carnaval de rua em Fortaleza. Laís conta em entrevista: “No rala coco a gente passa o chapéu, né? Aí o último carnaval que a gente pôde brincar na rua foi o primeiro ano que a gente conseguiu alugar um som para poder fazer o Rala Coco” (Laís Santos, Fortaleza - CE, 12 de fev. 2022). Passar o chapéu é uma prática comum no ambiente artístico, principalmente de rua. É dessa forma que as pessoas podem contribuir com qualquer valor para ajudar nos custos do bloco.

Os brincantes do Na Quebrada do Coco sempre estão inseridos na dinâmica do carnaval, o que foi fundamental inclusive para se pensar em um bloco de carnaval dedicado aos cocos. Como declara Laís, “a gente vem desse processo de brincar no Carnaval” (Laís Santos, Fortaleza - CE, 12 de fev. 2022). A segunda-feira de carnaval virou a data tradicional para o Rala Coco. Inicialmente, o dia foi escolhido por conta da agenda dos membros que desfilam no Maracatu.

vamos botar um bloco no carnaval aqui para gente, tanto que o bloco é segunda, porque domingo nós sempre saímos no Maracatu. Kanu, eu e Lucas, então o bloco não podia ser antes porque antes a gente estava nos preparativos do Maracatu, a gente queria ou na segunda ou na quarta feira de cinzas (Laís Santos, Fortaleza - CE, 12 de Fev. 2022).

No período de pandemia em 2021, o bloco foi realizado online. Por meio da aprovação no edital de patrimônio cultural da Lei Aldir Blanc - SECULT CE, foi possível uma melhor estrutura, onde foi contratado uma equipe de transmissão e também foi garantido cachês para os grupos convidados e intérpretes de Libras. Nesse caso, o bloco aconteceu no dia 13 de fevereiro de 2021, sendo a V edição. A live foi transmitida pelo canal do Youtube³ e contou com 2 horas de transmissão. Laís conta como se deu esse processo em entrevista:

A gente fez online ano passado (2021), a gente conseguiu, a gente passou num edital pra fazer grande né? Inclusive a gente pagou os grupos, coisa que a gente não faz, a galera vão pra somar. Como a gente tinha passado para poder fazer, então a gente pagou aos grupos, cada grupo né? Recebeu cachê, a gente contratou uma equipe para transmitir, tem na internet tem no YouTube (Laís Santos, Fortaleza - CE, 12 de Fev. 2022).



Figura 1: Cortejo do bloco rala coco 2024.

Foto: @laborartchia

Fonte: https://www.instagram.com/p/C301Bt-PrDw/?hl=pt-br&img_index=4

O bloco é um espaço de manutenção, de encontro, de troca entre os brincantes e apreciadores dos cocos em Fortaleza, e um dos momentos ímpares é o

³ <https://www.youtube.com/watch?v=0E4OxagZPJk>

cortejo, onde a brincadeira vai ao encontro de outros sujeitos que estão no carnaval, e muitas pessoas passam acompanhar o bloco.

Há, eu adoro o cortejo, porque a gente se joga, a gente tira uma onda, grita e tira onda e vai encantando e passa ali no méi e para num canto, né? O cortejo é esse lugar massa. E aí tu vê ali, quando tu olha para trás dobrando ali a rua, aí ver aquela galera vindo junta é massa. Gosto muito de carnaval. E acho que o rala coco traz essa ideia do brincar do bloco de rua mesmo (Laís Santos, Fortaleza - CE, 12 de Fev. 2022).

Ainda não há um reconhecimento do bloco por parte da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza, mesmo ocupando um espaço de grande movimentação cultural, como a praça da Gentilândia, localizada no bairro do Benfica. “Não reconheceram o Rala Coco como um bloco porque o Rala Coco não sai na Domingos Olímpio” (Lucas Vidal, Fortaleza - CE, 12 de fev. 2022). Laís Santos complementa o questionamento: “Não podemos concorrer a nada do carnaval, porque nós não fazemos atividades na Domingos Olímpio, nós não desfilamos na Domingos Olímpio. ‘Então nós não fazemos atividades de carnaval’, nosso bloco não reconhecem” (Laís Santos, Fortaleza - CE, 12 de fev. 2022). Mantendo a lógica burocrática, a prefeitura compreende e reconhece aquilo que pode estar sob o seu controle e condições, tentando centralizar as manifestações culturais, não tem a capacidade de compreender um movimento cultural popular em sua pluralidade.

As problematizações trazidas pelos interlocutores escancaram uma problemática recorrente das políticas de apoio às culturas populares, que é obrigar as manifestações a se moldarem às normas impostas pelos editais, padronizando o que configura um movimento, uma brincadeira, um bloco. Tudo que subverte essa lógica apresentada pelos editais automaticamente não tem acesso às políticas. Dessa forma, o Estado impõe de cima para baixo o que configura uma manifestação, desconsiderando a pluralidade das manifestações culturais. É necessário um diálogo mais aberto com os agentes das culturas populares para que se possa ter uma política cultural mais democrática.

A queixa levantada por brincantes e pesquisadores está inserida no campo das políticas públicas, compreendendo que:

O patrimônio imaterial não requer “proteção” e “conservação” - no mesmo sentido das noções fundadoras da prática de preservação de bens culturais móveis e imóveis – mas identificação, reconhecimento, registro etnográfico, acompanhamento periódico, divulgação e apoio (Pimenta, 2017, p.55).



Figura 2: Flyer de divulgação da 7ª edição do bloco rala coco
Fonte: https://www.instagram.com/p/C2-uodfPpU5/?hl=pt-br&img_index=1

As manifestações resistem por si só; o que se propõe é uma perspectiva de fomento e acompanhamento dos patrimônios. Os cocos, como uma manifestação com potencial de patrimonialização, foram fundamentais no século XX para políticas de incentivo ao turismo no litoral cearense. Porém, muitas vezes, hoje ficam à margem das políticas para as culturas populares no Ceará.

Farias (2022) trabalha em sua tese com a perspectiva de emergência pública dos cocos no Ceará, destacando três momentos que se convergem. É importante compreender que esses momentos não ocorrem necessariamente em tempos distintos, pois podem acontecer em períodos paralelos. O primeiro momento se dá por meio do investimento em políticas de turismo no litoral, articulando a natureza com o folclore. Esse período ocorreu entre os anos 1968 e 1989. No fim da década de 1980 e na década de 1990, ocorre a ascensão de empresários ao governo do estado, levando à especulação imobiliária em diversas áreas litorâneas por meio de investimento intenso nessas regiões. Moradores do litoral passam, assim, a utilizar a brincadeira do coco como mecanismo de resistência e organização política para defesa de suas comunidades, como foi o caso da comunidade do Balbino em Cascavel - CE. Esse período marca, para a autora, o segundo momento de emergência pública. O terceiro momento se dá com a atuação do Serviço Social do Comércio (SESC-CE), que propõe o fortalecimento do turismo comunitário. Com isso, os cocos aparecem como tradição das comunidades litorâneas. Dessa forma, o evento Povos do Mar torna-se espaço de

encontro de grupos de cocos do litoral cearense.

Seria importante pensarmos que os cocos no Ceará estiveram presentes em importantes momentos da história recente do estado, incluísse no âmbito da construção da identidade cearense. Porém, ainda não há um debate de oficialização dessa manifestação como patrimônio imaterial do estado.

O coco é uma manifestação cultural presente no sertão, na praia e nos centros urbanos; encontramos grupos de coco em boa parte das capitais do Brasil. No Ceará, existem grupos tanto no Cariri, na capital e no litoral do estado, com múltiplas linguagens, organização e configuração. Ao longo dos anos, os cocos vêm se consolidando como uma das principais performances de culturas populares do estado do Ceará.

Para Ayala (2000), o coco é definido em duas categorias: o coco cantado e o coco dançado. No coco dançado, a dança e a poesia são totalmente ligadas, onde predominando o coletivo, pois “é preciso gente para (a) tirar os cocos e para responder dentro da roda de dançadores, gente que toque os instrumentos, gente que saiba os passos que caracterizam a dança e esteja disposta a entrar na roda” (Ayala, 2000, p. 31). Já os cocos cantados são feitos por emboladores, que se desafiam em rimas geralmente com insultos de um para o outro.

Atualmente, em Fortaleza, os cocos são impulsionados através do encontro de brincantes de culturas populares. Os grupos não são compostos por membros que vieram da tradição familiar dos cocos, passada de geração em geração como ocorre em regiões do interior. Os brincantes em Fortaleza geralmente se encontram com os cocos a partir de suas experimentações culturais e artísticas, nos múltiplos espaços. É a partir das mais diversas vivências que os brincantes se reúnem para a constituição de um grupo.

Percebendo a pluralidade que os cocos apresenta em Fortaleza, compreendendo a cidade como locus aglutinador de pessoas e formas estético-políticas que dão sentido ao que chamamos de reinvenção dos cocos, apontamos para a compreensão do que seriam os cocos urbanos. O termo "Cocos Urbanos" foi pensado por Nascimento e Araújo (2023) na tentativa de designar formas particulares de culturas populares, de maneira a possibilitar compreensão dos grupos de coco que habitam o espaço urbano, grupos esses que são afetados pela cidade. A leitura crítica de Agier (2011) sobre a antropologia da cidade contribuiu para a reflexão do conceito, pois se pretende substituir a problematização do que é a cidade pela do que faz a

cidade. Permitindo, dessa maneira, desenvolver uma pesquisa na perspectiva centrada nos sujeitos atuantes na cidade, problematizando seus potenciais de agencialidade.

Os autores apontam ainda um “elenco empírico de atravessamentos contemporâneos das culturas populares, que também fazem parte de questões experimentadas pelos grupos de cocos por nós estudados” (Nascimento & Araújo, 2023, p. 47). Podem-se destacar: a digitalização das culturas e práticas culturais, os limites da relação entre o estado, políticas públicas e culturas populares, a politização das culturas populares e a transnacionalização das culturas populares. Para melhor compreensão, consulte Nascimento e Araújo (2023).

Nos estudos das performances culturais, é possível encontrar elementos fundamentais na constituição das culturas populares. Podemos citar alguns desses elementos: os sons, os movimentos corporais, o espaço cênico, adereços cênicos, figurino e público. Porém, para além desses elementos, nas performances que bebem das tradições africanas e indígenas, que passaram e passam por processos de confluência entre si, apresentam características comuns nas mais diversas linguagens das manifestações culturais. A ação de cantar-dançar-batucar é “como um todo indivisível e inseparável” (Ligiéro, 2011, p. 73), sendo os atos pilares nos cocos.

Taylor (2013) discute a performance por meio da noção dos conceitos de arquivo e repertório. O arquivo seria o conhecimento que está escrito, fichado, guardado, arquivado, podendo ser consultado. Já o repertório é o oposto; ele está no corpo que “encena a memória incorporada - performances, gestos, oralidade, movimento, dança, canto -, em suma, todos aqueles atos geralmente vistos como conhecimento efêmero, não reproduzível” (Taylor, 2013, p. 49). Dessa forma, compreendemos que as performances das culturas populares possibilitam um agenciamento, uma comunicação, a manutenção de uma memória e de uma identidade, trazendo um caráter de resistência.

É importante salientar que a compreensão de identidade apresentada aqui está em consonância com o conceito de Stuart Hall (2011), onde as identidades são flexíveis e em constante mudança. Uma série de questões são responsáveis pela constituição e manutenção da identidade dos brincantes, sendo esses elementos, muitas vezes, o que os atravessam, como a religiosidade, o território, questões de classe, raça, gênero e sexualidade.

A antropologia nos oferece tanto aporte teórico quanto ferramentas metodológicas para desenvolver importantes reflexões sobre a brincadeira, por meio da

etnografia, por exemplo. Não é possível estudar as culturas populares sem vivê-las, sem senti-las, sem estar no meio dos brincantes. Com isso, a etnografia se faz necessária para que se possam compreender as dinâmicas sofridas pelas manifestações culturais.

Mesmo que os manuais de etnografia Hammersey & Atkinson (2022) possam apontar horizontes importantes do fazer etnográfico, compreendemos que a prática requer flexibilidade no uso das ferramentas metodológicas, sendo necessária a combinação estratégica dessas ferramentas para que seja possível visualizar como os grupos desenvolvem suas variadas estratégias estéticas e políticas.

Não existe uma receita para uma etnografia das culturas populares nos espaços urbanos; nada está dado. Porém, existe a abertura para se construir estratégias para lidar com as circunstâncias e situações das mais variadas ordens que podem surgir no campo. Para compreender e refletir sobre as performances das culturas populares, é necessário senti-las. Apenas observar não basta; é necessário vivenciá-las.

Conclusão

O Bloco Rala Coco é, inegavelmente, um espaço fundamental para a manutenção da cena dos cocos na cidade. Além disso, é um dos momentos concretos de reivindicação de pautas históricas, que ao longo dos anos se tornaram questões latentes para os cocos em Fortaleza. Expressadas por meio da performance, dos cantos, literatura, figurinos, os cocos urbanos possibilitam a aglutinação dos elementos estéticos e políticos presente nas reivindicações contemporâneas, potencializando discussões que eram pouco tratadas pelos grupos ditos tradicionais. Isso se dá pelo fato de que estamos em outro momento da história, e também porque os grupos são mantidos por uma nova geração – uma geração politizada, engajada nas lutas sociais, que amplia as discussões já feitas ao longo dos anos pelos cocos.

Os marcadores sociais atravessam os corpos dos brincantes. Questões relacionadas à religiosidade estão presentes nas letras, nas músicas, nos pontos inseridos no repertório e nas vestimentas. Questões de gênero e sexualidade aparecem na defesa dos direitos LGBTQIA+. Questões de raça são presentes na identidade cultural e religiosa. Esses elementos são fundamentais para a brincadeira. Dessa forma, o coco contribui para que o carnaval de rua em Fortaleza mantenha seu caráter de resistência.

BIBLIOGRAFIA

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade:** lugares, situações e movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AYALA, Maria Ignez Novais. Os cocos: Uma manifestação cultural em três momentos do século XX. AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos (Org.). **Cocos:** alegria e devoção. Natal: EDUFRN, 2000. p. 27 - 64.

BORGES, Vanda Lúcia de Souza. **Carnaval de Fortaleza:** tradições e mutações. 2007. 297f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2007.

CRUZ, Danielle Maia. RODRIGUES, Lea Carvalho. Tempo de Carnaval: políticas culturais e formulações identitárias em Fortaleza, Danielle Maia Cruz e Lea Carvalho Rodrigues. **Revista Proa**, nº02, vol.01, 2010.

FARIAS, Camila Mota. **“Vou contar a nossa história, brincar a dança do coco e um pouco dela mostrar”:** experiências dançantes de coquistas do litoral cearense a partir da emergência pública do coco (1968-2019). 2022. 171 f. Tese (Doutorado em 2022) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022.

HAMMERSLEY, Martyn, ATKINSON, Paul. **Etnografia.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed., 1. reimp. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo:** estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011

NASCIMENTO, Ricardo César Carvalho; ARAÚJO, Joel Oliveira de. (Re)inventando o popular: uma etnografia sobre os Cocos Urbanos na cidade de Fortaleza. **Revista Mosaico** – Volume 15 – Nº 23 – Ano 2023. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/88877>. Acesso em: 17 mai. 2024.

OLIVEIRA, C. M. S de. Fortaleza: **velhos Carnavais.** Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar. Programa Editorial, 1997.

PIMENTA, Vítor Gonçalves. Reflexões sobre o papel do antropólogo nas ações de salvaguarda do patrimônio imaterial no estado do Rio de Janeiro. **Revista ACENO.** Volume 4 - nº 7 - (2017): Janeiro a Julho de 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/issue/view/372>. Acesso em 15 mai. 2024.

SANTOS, Laís. [Entrevista cedida a] Joel Oliveira. Fortaleza, 12 fev. 2022. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório:** performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VIDAL, Lucas. [Entrevista cedida a] Joel Oliveira. Fortaleza, 12 fev. 2022. Entrevista concedida para fins de pesquisa.